

ANGYONE COSTA

# A INQUIETAÇÃO DAS ABELHAS

(O que pensam e o que dizem os nossos  
pintores, esculptores, architectos e  
gravadores, sobre as artes plasticas  
no Brasil)

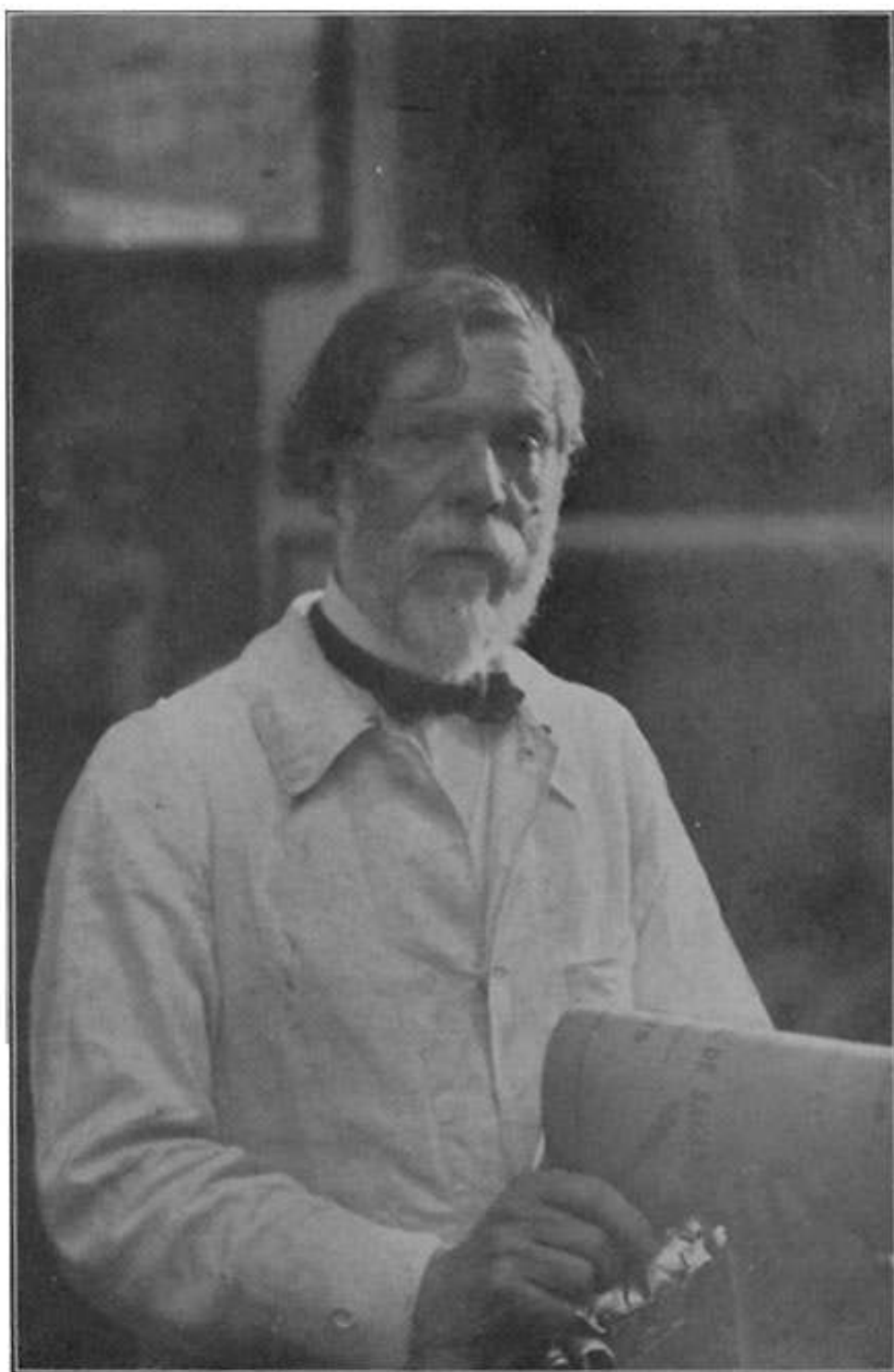


Rio de Janeiro  
**PIMENTA DE MELLO & CIA.**

1927

Texto disponível no site: <http://www.dezenovevinte.net/>

Elysêo D'Angelo  
;-: Visconti :-:



Eliséo d'Angelo Visconti

## A I N Q U I E T A Ç Ã O D A S A B E L H A S

Elysêo d'Angelo Visconti é um dos nossos pintores de maior merecimento, figura das mais representativas do Brasil. Verdadeiro expoente, o seu nome enaltece as artes americanas. Forte no desenho, maravilhoso nos tons pictóricos de que usa, possui uma obra vastíssima e trabalha com uma inexcedível pertinácia, desde a proclamação da República, quando logrou ser escolhido, primeiro a obter essa honra, no regimen actual, para concluir, como pensionista da Escola de Bellas Artes, os seus estudos na Europa, onde pintou telas memoráveis, remetidas, mais tarde, ao Brasil.

Póde dizer-se que, desde que começou a pintar, jámais deixou de concorrer ao "salon", sendo um dos raros brasileiros medalhados no "salon" de Paris. A sua arte se apresenta com um caracter muito pessoal e muito seu, forte colorido e technica admiravel, que lhe grangearam uma acceitação integral. E' um grande mestre, sendo como artista o que é como homem, um caracter grave e probo, incapaz de dar sahida a um trabalho sem que este se encontre em condições de accusar a personalidade do autor, mesmo não lhe trazendo a assignatura. Tem todos os premios e distincções conferidas pela nossa Escola de Bellas Artes, sendo que a "Medalha de Honra" lhe foi outorgada depois de ter exposto o triptico *O Lar e O Beijo*, telas que recusou vender em Paris.

Ha em Visconti um traço continuado de artista seguro da arte que está fazendo. Os seus successos se iniciam com os quadros da primeira phase, attingem á perfeição *No Verão*, *São Sebastião*, *Oréades*, culmina nesses nus de carnação viva e fascinadora, que o fazem o maior, no genero, no Brasil. Alça-prema-se ao triptico admiravel que é *O Lar*, para ainda ser maior, se é possível, na feição que a sua arte assume após a guerra, quando pinta *Samothrace* e outros quadros, trazidos da Europa, em seu regresso ao Brasil.

Mas não são apenas nessas telas admiráveis, que Visconti se impõe. A pintura intima, *O Lar*, *Roupa Estendida*, *A Primavera*, *O Collar*, são outros tantos primores, de que póde orgulhar-se não só o artista como o paiz que o produziu. A aquarella tambem mereceu a sua predilecção e, com a mesma linha com que pinta a oleo, faz quadros desse genero, dos melbores sahidos de pincel brasileiro.

## UMA VISITA AO SEU "ATELIER"

Chegamos ao "atelier" do professor Elyséo Visconti sob a impressão de que iam ouvir a um artista que não desejava falar. Pelo menos já fomos avisado de que, sobre a sua personalidade, o pintor não falava, o mesmo fazendo quanto aos seus collegas em arte. Subimos, assim, as escadas, com a certeza pouco agradável de que nada realizaríamos, nessa tarde admirável, vendo quasi completamente perdidos o tempo e os passos dados para encontrar o mestre.

Diziam-nos tanta coisa sobre Visconti!

Temperamento reconcentrado, homem sisudo e intratável, character sótano e retrahido, uma especie de Miguel Angelo, na exquisitice, que sonhava viver dentro do ideal da sua arte, abstrahido do mundo.

Não foi sem uma grande surpresa que nos achamos deante do artista.

Excusado dizer que a impressão foi magnífica. O Sr. Visconti é um artista amável. Estatura regular, corpo forte e bem apumado, rosto emoldurado por uma barba espessa, quasi toda branca, que lhe dá á physionomia traços bem accentuados da face socratica, de velhas moedas gregas e romanas.

Calças e collete pretos, bem postos, camisa irreprehensível, peito duro e gravata de seda negra, laço feito, comprido "veston" de brim de linho claro, supprindo vantajosamente o avental, concorrem para dar ao artista uma presença, simultaneamente, grave e sympathica. Percebe-se que Visconti não é homem que ame as intimidades e é uma intelligencia onde de preferencia devem predominar as qualidades de raciocinio sobre as de coração.

Não será nunca um impulsivo esse autor estimável de tantas obras primas. Tudo nelle revela gravidade luminosa produzida por uma grande força interior, que é a intelligencia equilibrada.

Não tem os calores exaggerados dos temperamentos latinos caldeados. Não se julgue, porém, que é um frio observador da natureza e da arte. E' antes um illuminado pela propria concentração do seu idealismo, transmittido atravez de uma poderosa faculdade creadora, que faz dos seus quadros obras de merecimento, em qualquer meio artistico.

— Vimos vel-o, professor, pela segunda vez, agora com mais sorte do que a semana passada... Estava ausente, não é assim?

— Para Therezopolis, com os meus filhos, aquella terra admirável, que o carioca desconhece. Therezopolis, meu amigo, é uma maravilha. Maravilha do mundo! O carioca só conhece a avenida Central...

E falando com calor, o mestre empregava uma grande vibração, que emprestava ás suas affirmativas um traço vivo de enthusiasmo sadio.

E ajuntou:

— Antigamente eu affirmava que Copacabana era o começo do Paraizo de Dante. Hoje alargo a comparação e estendo-a a Therezopolis, que é um encanto, uma grande fascinação. Não ha nada que se lhe compare. Petropolis está muito longe de poder competir com ella. Petropolis já é uma terra estragada, uma cidade de toda gente. Therezopolis tem alguma coisa que é seu, côr local, pittoresco, luminosidade propria. E' uma terra que ainda tem viçor, conserva a virgindade...

E nos mandando sentar, pergunta:

— Mas porque se lembraram de vir até cá?

— Ouvil-o sobre arte em geral e, especialmente, sobre a brasileira, professor...

Num tom persuasivo, de quem tem pensado muito, Visconti responde:

— E' um engano falar em arte no Brasil. Nós não temos arte. Nunca tivemos. Difficilmente teremos, se não alterarem, profundamente, os methodos de ensino no paiz. E' certo que o primeiro estabelecimento de ensino superior estabelecido aqui foi a Escola de Bellas Artes, mas assim mesmo pouco se tem feito sobre arte. A nossa Escola, fundada na época de D. João VI, não por iniciativa deste, como geralmente se pensa, mas pelas proprias circumstancias politicas do momento, que impelliram de França um numero consideravel de artistas, os melhores daquella época, como emigrados, após a queda de Napoleão, não tem dado os resultados que seria de esperar.

Não é que lhe faltem professores. Tem-n'os, bons e dedicados, mas varias circumstancias concorrem para que resulte nulla a sua efficiencia. A Escola tem alguns professores bem interessantes. Outros, habeis e competentes, mas que precisam descançar. Ha necessidade de uma compulsoria. E' preciso renovar... Depois, o criterio que a preside, não tem sido o mais feliz...

— Mas as reformas feitas, professor, não modificarão, afinal, essa directriz?

— As reformas da Escola de Bellas Artes têm sido reformas burocraticas e o que se quer são reformas didacticas. Não precisamos reformar para augmentar ou diminuir o numero de empregados. Precisamos reformar para dar outra orientação ao ensino. Necessitamos tornar obrigatorio o ensino de desenho na escola primaria, no curso secundario, em escolas especiaes desta materia, espalhadas pelos pontos mais distantes do paiz e da cidade, afim de que todas as creanças tenham facilidade de frequental-as. O desenho deve preceder ao proprio alphabeto. Elle é a porta por onde a creança tem a revelação do mundo. Entregae a um menino de tres annos um livro de figuras. Elle abre-o e, immediatamente, a sua physionomia se transforma. Grita pelo pae e pela mãe. Aponta a figura com os olhinhos accesos, curiosos, o rosto illuminado por um sorriso. E' que, naquelle momento, naquelle instante, a sua intelligencia accordou, descerrou-se, entrou em contacto com a vida!

Dizendo taes coisas, graves e verdadeiras, o professor Visconti, por sua vez, modificava a sua physionomia, emquanto o seu gesto e a sua expressão iam revelando o seu interesse carinhoso pelas artes.

## AS DIRECTRIZES DA ESCOLA DE BELLAS ARTES

Adeantou:

— As directrizes da Escola, eu dizia ha pouco, estão erradas. A Escola não tem procurado educar as massas, formar o bom-gosto, instruir as gerações.

Veja. A primeira de todas as artes plasticas, a architectura, não existe no Brasil. O senhor vae pela cidade, pela avenida e por todos os bairros ricos, nada encontra que seja nosso, tudo é importado, incaracteristico, alheio. Vemos o Luiz XVI, Renascença, Normando, Russo, Colonial, só não vemos casa brasileira. O colonial é commum a todos os povos ibero-americanos e elle mesmo, aquelle que imitamos, o portuguez, não é portuguez, é barroco, artigo, por consequente, de importação em Portugal. Nada brasileiro, nada que se inspire em nosso character, em nossa moral, em nosso ambiente...

— Mas, professor, como chegar a esse estylo brasileiro, se o mestre condemna até o colonial?

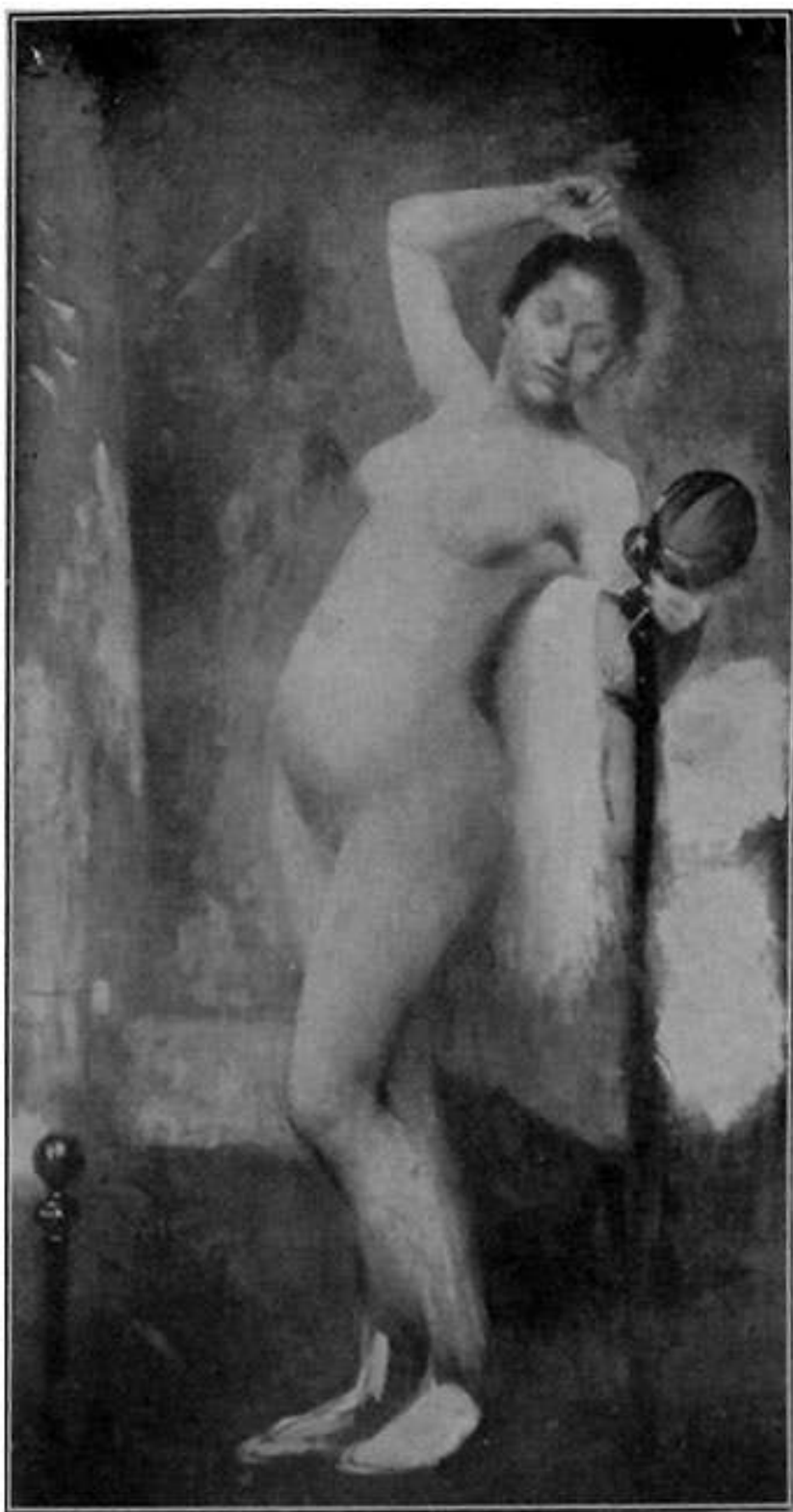
— Pesquisando, estudando, creando cursos e commissões especiaes para perquirir o pouco que possa haver de caracteristico no viver brasileiro e sobre elle crear a casa brasileira, reflectindo as nossas tendencias e vontades. A nossa casa deve estar de accordo com o nosso clima, os nossos costumes, os nossos habitos domesticos, a nossa propria moral. Isto que parece difficil de conseguir, obtem-se com estudo, com pertinacia, com methodo. Desde, porém, que não temos a primeira das artes, a architectura, como vamos ter a pintura, a esculptura, para só falar das artes plasticas? Impossivel, meu amigo, impossivel.

A Escola é um apparelho emperrado e a sua administração, a sua direcção tem sido um verdadeiro casulo de onde só sahiram borboletas com os Bernardelli e os Amoêdo. Estes fizeram alguma coisa pelas artes. Fizeram muito. Os Bernardelli, sobretudo. Não era possivel, porém, fazer tudo. Tiveram que parar. Era natural que outros continuassem. A Escola tem de ser o centro convergente de um amplo trabalho de vulgarização da arte por meio de escolas disseminadas pelo paiz inteiro, onde se ensine a desenhar. Depois de frequentadas taes escolas, as especializações seriam feitas na Escola de Bellas Artes. E' preciso fazer o ensino aproveitando e pesquisando as vocações. Onde haja um estimulo, desenvolvel-o e utilizal-o.

## O ERRO DA ORGANIZAÇÃO DOS “ SALONS ” ANNUAES

Na Escola de Bellas Artes o principal mecanismo de estimulo é o “salon” annual, com a sua organização de apparelho que premia e recompensa.

A' primeira vista, parece que está muito bem. Em detalhes, porém, é condemnavel. O “salon” estabelece premios e vantagens, que são conferidos por um “jury” composto na maioria de professores da Escola. Veja a que não ficam sujeitos taes julgamentos, desde que o professor pôde ser, simultaneamente, juiz, expositor e mestre dos expositandos. E' uma organização condemnada e perigosa, prejudicial ao desenvolvimento das bellas artes. Deve ser remodelada, em sua essencia, de maneira a assegurar maior justiça nos julgamentos, impedindo vicios originarios da sua organização actual.



Nu da primeira phase de Visconti



IDÉAS GERAES SOBRE AS  
ARTES

Olhando a um canto do amplo "atelier" duas telas de technica differente, assignadas por E. Visconti, interrogamos o artista sobre a escola a que se filia e Visconti responde:

— Sou "presentista". A arte não pôde parar. Modifica-se permanentemente. Agrada agora o que hontem era detestado. Isto é evolução, e não é possível fugir aos seus effeitos. O homem não pára. Vae sempre adeante. Os futuristas, os cubistas, são todos expressões respeitaveis, artistas que tacteam, procurando alguma coisa que ainda não alcançaram. Elles agitam, sacodem, renovam. São dignos, por conseguinte, de toda admiração. A pintura, por exemplo, não pôde nem deve condemnar innovações. Levamos muito tempo parados. Só de 1837 para cá, com as descobertas do physico florentino Mile, a pintura, nos seus processos de technica, modernizou-se. Esta renovação é rigorosamente italiana e só seria seguida, simultaneamente, em França, no periodo chamado Renascimento, com Manet e os mestres famosos da época, passando, depois, ao mundo inteiro.

A technica, porém, em pintura, tende a evoluir constantemente. Ella é tudo na arte. E' a propria arte, sua essencia e alma, deve merecer ao artista todo o zelo e carinho.

— E a sua arte, mestre, que assignala duas phases bem distinctas?

— Não vale a pena falar da minha pessoa, quando tantos exemplos podia citar, mas, como o senhor me chama a attenção para essas duas phases da minha pintura, eu me apresso a dizer-lhe que estou na terceira, podendo considerar-se — primeira a da *Juventude* e *O Beijo*, quadros expostos em Paris, em 1904, aos quaes se devem juntar alguns de menor expressão. *Samothrace*, os paineis do Municipal e varios outros da mesma época, formarão a segunda. E alguns trabalhos, deste momento, como *Sotaque Bahiano*, ainda não exposto, constituirão a terceira. Vê que ha uma differença bem marcada e é isto que me faz dizer-me "presentista", isto é, pintor que pinta o presente, a moda da sua época. Dahi ás innovações das chamadas escolas novas, vae um grande passo, que outros darão por mim. Ninguem deve aferrar-se ao passado, ao que toda a gente já fez. E' necessario procurar estabelecer alguma coisa de novo, crear, não reproduzir sómente os mesmos modelos. O espirito quer renovação e é a natureza que nos impelle a esse movimento esthetico universal. Nella nada está parado. Já não estamos no tempo em que se pintava a paisagem dentro de casa.

Ha renovos nos brotos, nas plantas, nos animaes, nas camadas geologicas, no conjuncto das montanhas, das arvores, das aguas. Porque só o homem-artista, porque só o "homem" capaz de crear ou reproduzir emoções, ha de ser um comparsa obscuro junto deste drama e não uma figura efficiente ao seu lado?

E virando-se, risonho e com a physionomia clareada por um vivo lampejo de intelligencia, diz, mostrando atravez do vidro a paisagem:

— Veja se é possível parar, retrogradar, deante de semelhante quadro...

O "atelier" está situado entre dois morros. De um lado, estende-se o casario, num desdobramento harmonioso, pela encosta de Santa Thereza. Do

outro, o morro de Santo Antonio, já muito gasto, muito mutilado, mas em todo o caso com belleza bastante para inspirar o amor á vida e ao movimento, que são a eterna fonte do sentimento.

Como ficar "passadista"?

Na impossibilidade de uma directriz "futurista", sejamos, ao menos, "presentistas", que é o que procuro, obscuramente, ser. Demais, de arte ninguem cuida aqui. Digo mal. Alguem cuida disto, as mulheres, com a arte cèroplastica, em que se exhibem, pintadas exaggeradamente, nas suas modas desequilibradas.

Se quizessemos trabalhar, quanto teriamos que fazer! Só as artes applicadas são um assumpto amplissimo, de que ninguem se preocupa aqui e sem o qual não é possível crear uma arte brasileira.

Tenho grandes esperanças que o novo director da Escola de Bellas Artes, Sr. José Marianno Filho, nos reserve fructos saborosos para o futuro. Dispondo de escolhidos elementos, sem politica, pôde desenvolver o meio, separando a Escola do Museu e dos "Salons" Annuaes, dando nova orientação ao Conselho Superior de Bellas Artes, como órgão efficiente e consultivo do governo.

Só assim é que o Sr. José Marianno poderá prestar relevante serviço ao paiz.

Só assim a crysalida sahirá do seu casulo para receber o sol universal e expandir uma nova vibração de vida...

— E quanto ás outras artes plasticas, professor?

— Na architectura e nos outros cursos de arte applicada sente-se a necessidade de estabelecer um curso pratico de "pesquisa" e "creação"; só assim, dentro de alguns annos, poderemos começar a plasmar uma arte de caracter nacional. Quero eu dizer que devemos respeitar, adorar, venerar tudo o que foi feito até hoje, mas pensar com o nosso cerebro, sem perder nenhuma das regras determinadas pela intelligencia. Nada de extravagancia, tudo medido dentro desta disciplina, fará a rapaziada artistica da nossa terra, dizer daqui a cinquenta annos, que nós marcamos um periodo de rejuvenescimento, esthetico, no Brasil, e orgulhar-se da geração actual.

Perdõe que fale de mim. Quando regressei da Europa, como pensionista dos cofres publicos, fiz uma exposição de arte applicada, na certeza de que a arte decorativa era o melhor elemento para caracterizar a industria artistica do paiz. Olharam-n'a como novidade, e nada mais.

Ceguei a fazer ceramica á mão, — apontando — aquellas que estão allí, guardadas com carinho, — para ver se attrahia a attenção das escolas, das officinas, do governo. Tudo perdido. Ninguem notou o esforço. Em nossa terra não existe ainda preocupação pela arte...

E, convidando-nos a voltar áquella casa, de onde sahiamos encantado pelas palavras que ouvimos, respondeu ás nossas saudações de despedida, trazendo-nos num correcto aperto de mão, sincero e grave, os seus agradecimentos.

Estavamos no ultimo degráo da escada. Descemos mais um lance. Fóra, a multidão, a vertigem tumultuava.